

Observações sobre gramáticas comunicativas ou do diálogo, incluindo sinais interactivos ¹

Jürgen Schmidt-Radefeldt

Universidade de Rostock

j.schmidt-radefeldt@online.de

Resumo: No âmbito de uma concepção integral de uma gramática comunicativa e da descrição do seu funcionamento pragmático, importa focar não só as perspectivas didáctica (p. ex., Alemão ou Português como Línguas Estrangeiras, cf. Barkowski ²1986; Engel/ Tertel 1993) e contrastiva (p. ex., Johnen/ Schmidt-Radefeldt/ Weise 2003; Schmidt-Radefeldt 2003; Grein 2007), mas cumpre também tomar em consideração fenómenos que são determinados emocionalmente. Esta contribuição dará atenção especial à interjeição alemã “na!?” nas suas várias ocorrências e aos seus possíveis correspondentes em português.

Como citar este capítulo:



Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2025): «Observações sobre gramáticas comunicativas ou do diálogo, incluindo sinais interactivos», in: Johnen, Thomas/ Santos, Liliane/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Gramática Comunicativa e Ensino de Português Língua Não Materna num Mundo Multilíngue: Estudos*. In Memoriam do Professor Doutor João Malaca Casteleiro. Zwickau: Westsächsische Hochschule Zwickau, Fakultät Angewandte Sprachen und Interkulturelle Kommunikation (ZwIKSprache; 6), 117-147. ISBN: 978-3-946409-07-6; DOI: 10.34806/9783946409076-f

¹Agradeço ao meu amigo, colega e conhecedor excelente das *Partículas modais no português e no alemão* António C. Franco (Universidade do Porto) a tradução deste texto para o português, assim como pelas sugestões de possíveis equivalentes portugueses da partícula discursiva alemã *na!?*. Este artigo segue as normas anteriores ao *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* de 1990.

Palavras-chave: gramática comunicativa; gramática do diálogo; sinais interactivos; partículas; interjeições; análise contrastiva alemão-português de al. "na".

Zusammenfassung: Im Rahmen der integrativen Konzeption einer kommunikativen Grammatik (KG) und der Beschreibung pragmatischer Funktionsweisen ist es auch erforderlich, nicht nur die didaktische (z.B. Deutsch oder Portugiesisch als Fremdsprache, vgl. Barkowski ²1986, Engel/ Tertel 1993) und die kontrastive Perspektive (z.B. Johnen/ Schmidt-Radefeldt/ Weise 2003; Schmidt-Radefeldt 2003; Grein 2007) im Blick zu haben, sondern auch sinnlich-emotional gesteuerte Phänomene und deren sprachlichen Ausdruck zu berücksichtigen. Abschließend soll in diesem Beitrag exemplarisch die Interjektionspartikel dt. "na" und ihre Übersetzungsmöglichkeiten in die Zielsprache Portugiesisch näher beleuchtet werden.

Schlagwörter: Kommunikative Grammatik; Dialoggrammatik; interaktive Diskursmarker; Interjektion; Partikel; kontrastive deutsch-portugiesische Analyse von dt. "na"

1 Introdução

No âmbito do X Congresso Alemão de Lusitanistas, «Migração e Exílio», que teve lugar na Universidade de Hamburgo em outubro de 2013 - para o qual esta contribuição originalmente foi concebida, encontramos-nos perante a problemática de saber que falantes ou grupos populacionais oriundos de territórios germanófonos migram para territórios lusófonos e vice-versa, por que razão e com que objectivo emigram ou imigram e como é que eles, neste caso, se assimilam (ou não) em termos (sociais e) linguísticos. Enquanto áreas linguísticas clássicas de trabalho, podem-se convocar as

seguintes: a Linguística dos contactos linguísticos na esfera sociolinguística; a Linguística da descrição linguística contrastiva; a Didáctica linguística da aquisição de L2, portanto da aquisição de uma língua estrangeira ou língua segunda (por conseguinte, aquisição natural ou artificial da língua), por um lado, do diassistema 'alemão' por parte de portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos, etc., e, por outro lado, do diassistema 'português' por parte de falantes germanófonos. O diassistema que aqui se toma por base (cf. Merlan / Schmidt-Radefeldt 2013) é, em regra, o sistema linguístico da norma standard, isto é, os parâmetros diatópico, diafásico e diastrático são pouco (ou nada) tidos em conta; os diatécnicos, diaintegrativos e diamediais são-no, quando muito, se houver interesse especial. Todos estes falantes migrantes querem adquirir uma *competência mais ou menos perfeita na língua estrangeira*, tendo, pois, de procurar para esta aquisição meios auxiliares técnicos e práticos. Uma gramática dialógica, uma gramática comunicativa ou contrastiva podem neste caso dar contributos excelentes.

No quadro de uma concepção integrativa de uma gramática comunicativa (GC) ou em particular de uma gramática do diálogo e da descrição dos seus modos fonemático, morfossintáctico, semântico e pragmático de funcionamento, é também necessário tomar em conta em especial a situação de enunciação. No fundo, isto não é nada de novo. Mas é um aspecto que me interessa muito, uma vez que o falante e o seu ouvinte se encontram no centro de toda a interacção comunicativa, de todo o diálogo humano. A propósito, mas já nos anos setenta do século passado publiquei um

conjunto de regras, particularmente acerca de uma “gramática dialógica” do francês, da alternância de vez. Essa foi então a primeira abordagem concreta com base em pares ou sequências de enunciados (por exemplo pergunta-resposta).

As gramáticas comunicativas encontram-se no foco de três modelos de gramática: da *gramática científica*, da *gramática didáctica* e da *gramática contrastiva*. Irei, portanto colocar no centro das atenções não só a gramática do diálogo, a gramática científico-comunicativa de Matte Bon (1992), mas também terei em vista a perspectiva didáctica (por exemplo, alemão ou português como língua estrangeira Barkowski 1986; Engel/Tertel 1993) e a perspectiva contrastiva (cf. Johnen/Schmidt-Radefeldt/Weise 2003; Schmidt-Radefeldt 2003; Johnen 2006a, 2006b, 2006c). O que particularmente me deu nas vistas, o que em especial me tocou emocionalmente, foi que estas gramáticas esqueceram quase todas *a componente emocional*, quer dizer, de facto não tratam dela. A comunicação é consabidamente não apenas a troca de informação, mas também a troca de sentimentos, de sensações, de pesar, de desculpas, de queixas, de elogio e censura, de amor e ódio, de imprecações, de raiva, etc. Afinal, muitas coisas mexem afinal connosco emocionalmente e exigem que as tomemos em conta na análise linguística da comunicação.

Tomarei, pois, em consideração fenómenos e processos governados pelas emoções, bem como a sua expressão na língua. Como exemplo concreto e complexo, tratarei da partícula “*na*” em alemão e dos seus equivalentes em português para fins ilustrativos. Matte Bon (1998) já se serviu de uma bateria de exemplos dessa

partícula para revelar o contraste da língua espanhola com outra língua. Eis aproximadamente, a traços largos, o que gostaria de expor a seguir.

1.1 O modelo “gramática comunicativa”: gramática dialógica e interacção numa situação de enunciação

O tratamento linguístico e didáctico do ensino da língua enquanto “L2 como língua estrangeira” baseia-se hoje em dia num modelo comunicativo, sendo que se deve fazer uma distinção nítida entre a abordagem teórica e a prática de ensino. A abordagem teórica tem de justificar o conceito de *gramática dialógica* ou *gramática comunicativa*; a abordagem prática de ensino entra directamente *in medias res* sob a forma de exercícios comunicativos, de exercícios de gramática, de jogos comunicativos.

Toda a espécie de comunicação ou de interacção (verbal) se baseia:

- 1) na análise da situação de enunciação (sobre o assunto, mais adiante) e
- 2) no princípio dialógico. A alternância contínua da função (ou papel) de falante/ouvinte reflecte-se também na própria estrutura da língua, na medida em que esta alternância de papéis:

A: «*al.* ich_A, du_B / Sie_B (*port.* eu_A, tu_B / ele(s)_B / ela(s)_B / você(s)_B)»

→[*mudança de falante*]→

B: «*al.* ich_B, du_A / Sie_A (*port.* eu_B, tu_A / ele(s)_A / ela(s)_A / você(s)_A)»

se reflecte gramaticalmente nas línguas naturais; é o que se verifica nas formas de pronome pessoal (1.^a e 2.^a pessoa), assim como nos pronomes possessivos e em todas as expressões que se refiram às pessoas naturais envolvidas no discurso. (Sobre estas regras de alternância de falantes no francês, cf. Schmidt-Radefeldt 1974). Especialmente no âmbito da relação directa pergunta-resposta, é possível mostrar a “dimensão gramatical” desta interacção básica, porque os equivalentes frásicos (« *sim* » versus « *não* ») confirmam ou negam a proposição em questão, ou seja, no caso das interrogativas-W das línguas germânicas (*Wer?*, *Wann?*, *Wo?*, *Wie?*; ingl. *Who?* *When?*, *Where?*, etc.) ou das interrogativas-Q das línguas românicas (port. *Quem?*, *Quando?*, *Como?*, *PorQue?* Depois do *QUaL?* etc., cf. sobre a matéria Schmidt-Radefeldt 1980). Adicionalmente a estas regularidades semantácticas – manifestadas por uma gramática dialógica e, por conseguinte, por uma gramática comunicativa – deve acrescentar-se que os falantes e ouvintes têm de ajustar a sua *ego-hic-nunc* Origo – isto é, as suas coordenadas espaço-temporais momentâneas actuais – nas situações do dia-a-dia, tal como precisamente também neste mundo globalizado (a pergunta do GPS no telemóvel é «Onde estás neste momento?»; a resposta no código UTC (*Universal Time Coordinated*) refere/fixa então interplanetariamente o ponto no espaço e no tempo do falante em relação ao ouvinte).

Sobre o espaço e o tempo do falante/ouvinte, eis três exemplos gramático-dialogais:

Situação: O falante A está deitado na cama e o ouvinte B está sentado ao canto do quarto.

A: Podia *vir aqui ao pé de mim?* al. Kannst du *zu mir herkommen?*).

B: Vou, claro que *vou aí ao pé de si.* al. Natürlich komm ich gern *zu dir hin.*

Situação: O falante A e o ouvinte B estão sentados a uma mesa frente a frente.

A: Preferias ficar hoje à tarde sentado à *minha esquerda?*

B: Claro, claro que gostava de ficar sentado *aí à direita a teu lado.*

Situação: Conversa telefónica; o falante A vive no Rio de Janeiro (UTC -3), o ouvinte B vive em Manaus (UTC -4).

A: Oi, por favor me acorda *amanhã às nove* horas pelo telefone.

B: Entendido, te acordo *amanhã às dez daqui.*

(O Brasil tem quatro fusos horários, UTC -3 a -4; a China teve de 1912 a 1949 cinco fusos horários que, em 1949, por decisão legal, foram unificadas a uma (UTC +8).

Em relação a estas regularidades comunicativas que aqui estamos a apresentar, o conceito de “gramática” também pode ser entendido em sentido mais metafórico (enquanto não tiverem sido encontradas razões gramatológicas rigorosas para certos problemas e enquanto não tiver surgido a sua descrição e explicação). É que as regularidades comunicativas revelam-se em muitos actos de fala binários como cumprimentar-retribuir o cumprimento, entrar em contacto A e B (a este respeito, cf. Johnen 2006a, 2006b, 2006c), perguntar-responder, pedir-agradecer (cf. Weise 2006), pedir

desculpa-aceitar o pedido de desculpa (cf. Johnen/ Weise/ Schmidt-Radefeldt 2006), elogiar-agradecer, ameaçar-contrameaçar, directiva-recusa (cf. Grein 2007), uma fórmula de despedida de A requer segundo a regra de conduta uma fórmula de despedida de B, um ritual de cortesia de A requer um ritual de cortesia de B, etc. (cf. a este propósito Cho 2011). O tratamento contrastivo e comparativo destes temas em línguas diferentes aponta para a diversidade cultural no pensar, no falar e no agir.

1.2 Gramática comunicativa para o alemão como língua estrangeira

A *Gramática comunicativa* de Engel/Tertel de 1993 integra as duas abordagens (pontos de vista) referidas, de modo que não são, porém, os actos comunicativos (isto é, *actos de fala* tais como entendidos na sequência de Austin (1962), Searle ([1969] 1981), Wunderlich (1976), Weigand (1989) e outros) que devem ser transmitidos de maneira organizada num sentido apropriado, mas sim a componente gramatical fundamental da língua alemã contemporânea, e isso, através de “estruturas da gramática de sistema por via de categorias comunicativas” (Engel/Tertel 1993:9, tradução nossa). A estrutura do livro obedece a categorias didácticas (que não são fundamentadas ou questionadas do ponto de vista teórico) como, por exemplo: *informar e perguntar; negociar e obter; negar e avaliar; falar com reserva; indicar um objectivo; denominar factos, quantidades e números; isolamento e pertença; seres vivos e objectos; modos de expressão referentes a*

acontecimentos; situação–direcção–relações, ou ainda temas linguístico-gramaticais como *valência I, valência II, graus de comparação, ênfase através da posição das palavras*. Os temas escolhidos são evidentemente bastante ecléticos. Os dois autores não têm o objectivo de “fornecer quaisquer ajudas de língua para situações concretas de todos os dias [...] como o tirar um bilhete de viagem ou o pedir a comida num restaurante; o objectivo do livro é de oferecer estruturas de gramática sistemática” (Engel/Tertel 1993: 9, tradução nossa). Apesar de tudo, o *grammatical background* de um sistema há muito conhecido (isto é, o saber gramatical a nível superior, por assim dizer) constitui também aqui *o interesse epistemológico central*, encontrando-se em segundo plano nesta gramática a transmissão, a activação e a transferência da competência accional autenticamente comunicativa. Engel/Tertel (1993) orientam-se por critérios didácticos; os textos de referência ou de aplicação – a maior parte extraídos da imprensa alemã actual – são, além disso, textos em prosa *sem sequências nem consequências dialógicas*. No fundo, trata-se portanto aqui claramente de uma *gramática comunicativa didáctica* com um elevado princípio selectivo. O factor *situação de enunciação*, importante para o agir comunicativo, não se torna relevante em parte alguma, tomando-se por base a norma standard da língua alemã (quer dizer, frases “completas”, enunciações são um predomínio objectivo de aprendizagem). Naturalmente que não se deve negar que por meio desta forma de “gramática comunicativa” o aprendente fica inteirado de muita coisa digna de se saber, por exemplo, no caso de pedidos, de que há formas de

distanciamento, formas familiares e neutras, que nos graus de comparação se podem formar três graus e que a comparação é em princípio relativa.

O tratamento linguístico e didático do ensino de *L2 como língua estrangeira* baseia-se sempre num modelo comunicativo (que se encontra em constante aperfeiçoamento e processos de ajustamento), sendo necessário fazer uma distinção clara entre abordagens teóricas e a prática de ensino, portanto processos comunicativos reais (*independentes* do livro escolar e dependentes do livro escolar). Como já antes se disse, a abordagem teórica tem, no entanto, de justificar o conceito de situação de enunciação, de 'gramática dialógica' e de 'gramática comunicativa', ponto a que vamos voltar no que se segue; a abordagem prática de ensino entra directamente *in medias res*, sob a forma de exercícios comunicativos, de exercícios gramaticais e de jogos comunicativos. Obras didáticas, baseadas, segundo orientação intuitiva, num modelo dialógico-comunicativo, com baterias de exemplos para o alemão e para o português, há-as em abundância.

Para a nossa abordagem, tomamos por base este princípio: todo o tipo de comunicação ou interacção (verbal) funda-se no *princípio dialógico* no quadro de uma situação de enunciação; cf., a propósito, Edda Weigand que, na sua monografia *Sprache als Dialog. Sprechakttaxonomie und kommunikative Grammatik*, escreve:

a *dialogicidade* não é um método que se possa escolher, mas *um princípio constitutivo de todo o uso da língua*. Este princípio constitutivamente substancial é claramente realizado apenas de maneira diversa. A língua é assim explicável por via da relação

com a sua estrutura conteudal sob um princípio básico homogéneo numa teoria homogénea (Weigand 1989, 34; tradução e destaque nossos).

1.3 Gramática comunicativa, espanhol como língua estrangeira

O que é uma gramática dialógica, ou então, uma gramática comunicativa?

Quando Matte Bon (1998) dá à segunda parte da sua *Gramática comunicativa del español* o subtítulo "*De la idea a la lengua*", fica assim de imediato suscitada uma longa discussão em torno de uma gramática filosófica. Se deixarmos de parte a tradição francesa da *Grammaire générale et raisonnée* de Port Royal (Arnauld/ Lancelot 1660) e o racionalismo, encontramos em Portugal, no início do século XIX, Jerónimo Soares Barbosa e a sua *Grammatica philosophica da lingua portugueza* (1822), cuja estrutura salta à vista por assim dizer "naturalmente": após um primeiro capítulo (Livro I) sobre "orthoepia" e um segundo sobre "ortographia" (Livro II), o autor chega ao Livro III, muito mais longo, com o título "Da etymologia ou partes da oração Portugueza", ocupando-se primeiro das "palavras interjectivas ou exclamativas" (apresenta a propósito algumas ideias); para depois abordar com pormenor o substantivo, o adjectivo, o verbo (a "conjugação do verbo Substantivo e de seus auxiliares" e "conjugação do verbo Adjectivo"), as preposições e as conjunções; no Livro IV ocupa-se "Da Syntaxe, e Construcção", terminando a obra (Livro IV, cap. VI)

com a “*Aplicação dos princípios d’esta Grammatica ás duas primeiras Estanças do Canto I dos Lusíadas de Camões*”. A classificação e a sua apreciação permitem que no fim se forme nele o entendimento de que aqui nasce a transição para a prática dos textos e a aplicabilidade da sua ordem filosófica.

Ao contrário, Matte Bon, com a sua *Gramática comunicativa del español* ([1992] 1998), abandona ambas as tradições da sequência das partes do discurso: no tomo I (portanto da língua à ideia) parte do *sistema verbal*, dedica-se à semântica e à pragmática dos tempos verbais (*el presente de indicativo, el pretérito indefinido, el imperfecto de indicativo, el futuro de indicativo, el condicional, el subjuntivo, el infinito, el imperativo, el participio pasado, el gerundio, los tiempos compuestos, pasiva, las perífrases verbales*) – isto, porém, só é *apresentado e posto em prática em frases isoladas, não se recorrendo a passagens de textos* – e só depois desta parte sobre o verbo é que Matte Bon passa a ocupar-se do substantivo, do adjectivo, da determinação do substantivo (portanto, dos artigos, demonstrativos, possessivos, pronomes pessoais, advérbios, preposições e frases relativas). A disposição das matérias e, deste modo, o peso da estrutura desta *Gramática comunicativa*, recai prioritariamente sobre o verbo.

O tomo II de Matte Bon – ou seja a parte filosófica *De la Idea a la Lengua* – suscita então algumas surpresas. Começa com perguntas tais que como se fala acerca de indivíduos (pessoas) e de quantidades? Esta é aqui a primeira pergunta. Como é que se lhes faz referência? Em especial a *vaguidade semântica* destas quantidades, a sua *relatividade e avaliação*, são destacadas de

modo convincente (por exemplo conceitos tais como: *cierto, bastante, la mayoría, cantidades aproximadas*, etc.; o mesmo em relação a designações impessoais como: *la gente, se, algunos*). Um outro capítulo é dedicado à “essência e existência” (este aspecto diz respeito às conhecidas distinções entre - no espanhol e também no português - *ser/estar*, assim como entre *haber/estar*. Outras áreas são depois *la Posesión* (a posse verdadeira e a suposta), *as necesidades*, o que tem de ser (*necesidad*), as exclamações e a intensidade.

Não vou explorar mais o conteúdo deste segundo tomo e, sendo assim, interrompo, neste ponto, a minha exposição sobre a *Gramática* de Matte Bon, mas não sem a recomendar como gramática filosófica.

2 Gramática comunicativa contrastiva

Que contributo se espera de uma descrição linguística contrastiva? – não demasiado elevado do ponto de vista “teórico”, mas de orientação para a “prática”. No que se segue, reproduzem-se as ideias contidas em Schmidt-Radefeldt (2003: 24-25) (o que constitui princípios de grande exigência teórica).

Apesar de toda a diversidade da norma de uso da língua / das variedades do alemão e do português europeu, numa gramática de texto contrastiva alemão/português deve-se tomar por base uma “norma” comparável (princípio de comparabilidade da norma linguística). No caso da nossa comparação de línguas, trata-se da

norma padrão de uso da língua, tal como ela é empregada em termos línguístico-culturais (no sentido de “cultivo da língua”, al. “Sprachkultur”), ou seja, nos meios de comunicação como a TV ou a imprensa, ou ainda em algumas variedades urbanas da Alemanha e de Portugal.

Toda a gramática de texto contrastiva deveria compreender, nas suas áreas fundamentais, a fonética frásica, a morfossintaxe e o léxico, e *deveria incluir os parâmetros pragmáticos da comunicação quotidiana, por intermédio de textos / discursos em sequências comunicativas*. O alemão e o português europeu deveriam, numa gramática de texto alemão/português europeu, ser abrangidos e apresentados de maneira ampla na sua relação reversível (princípio de simetria).

A teoria/linguagem teórica eclética utilizada pela gramática contrastiva alemão/português (*tertium comparationis*) tem de ser adequada, simples, funcional e plausível, com vista à descrição e explicação dos fenómenos de cada língua particular (Princípio de uma linguagem teórica homogênea da gramática de texto alemão/português).

Toda a concepção de uma gramática – especialmente de uma gramática de texto contrastiva alemão/português – está orientada para um determinado uso pelos seus utilizadores (prioridade de fim e utilidade, ou seja, perspectiva amiga do utilizador). O utilizador pretende, por um lado, adquirir saber sistemático sobre a outra língua, L2, mas também recebe, por outro lado, também saber útil (e conhecimentos) sobre a sua própria, L1.

A gramática de texto contrastiva alemão/português deve fornecer ao utilizador um algoritmo (algoritmo de enquadramento) das mais importantes regras morfossintáticas, semânticas e pragmáticas mais importantes de ambas as línguas (sem pretensões de exaustividade), um algoritmo que no entanto deve também ser suficientemente flexível para dar espaço à apresentação dos aspectos específicos da gramática de texto alemã e da gramática de texto portuguesa (princípio da preservação e da apresentação de aspectos específicos individuais de L1 e L2 no processo de contrastação).

Em antologia reunindo doze artigos (Blühdorn/Schmidt-Radefeldt 2003) foram focados os mais diversos aspectos da comparação das línguas alemã e portuguesa. O meu trabalho (Schmidt-Radefeldt 2003) aí incluído termina com três aspectos fundamentais:

a) Uma gramática contrastiva do alemão/português tem de estar organizada, por princípio, em termos de linguística de texto e em termos comunicativos, com base em hipóteses teóricas e necessidades prévias. A situação de enunciação modelizada, com as suas contingências semântico-referenciais, categorias e respectiva designação como pontos comunicacionais centrais, constitui a situação de partida para um possível interesse do utilizador desta gramática contrastiva.

b) Uma gramática contrastiva do alemão-português deve contribuir para conduzir, de modo relevante e eficiente, a uma visão geral de

carácter sistemático das formas, dos conteúdos e das funções de ambas as línguas (L1 e L2), com os seus aspectos específicos, particulares, singulares como diferenças ao compará-las. Por essa via – em que afloram pelo menos interligações de gramática frásica e de gramática de texto com regularidades discursivo-analíticas e outros processos semióticos – , também podem ser transmitidos certas explicações e certos conhecimentos de linguística geral.

c) A gramática contrastiva alemão-português deve reconstruir idiossincraticamente o agir linguístico no discurso de ambas as línguas L1 e L2 e conduzir, enquanto guia útil, ao agir linguístico e à interacção, tanto em L2 como na respectiva comunidade linguística. São justamente estes três aspectos que me parecem fundamentais para uma “*Gramática comunicativa*”.

Como o conceito de “gramática dialógica”, ou de “gramática comunicativa”, tem sido até este ponto usado, do ponto de vista conceptual-teórico, com pelo menos em três acepções, é necessário pôr a claro, num primeiro momento, esses três diferentes modos de emprego e de orientações, para depois, num segundo momento, abordar em concreto a área da *emocionalidade ou sensualidade*, que ainda não é tomada em conta nestas três concepções. Tal como Reinhard Fiehler (1990) demonstrou, a emoção é, nos actos e processos comunicativos, um elemento essencial, que a maior parte das vezes não é tomado em consideração na descrição linguística – porque é difícil de reconhecer e evidenciar-se.

2.1 Um exemplo: a partícula discursiva em alemão "na"

2.1.1 Situação de enunciação

Lembre-mo-nos, em primeiro lugar, que precisamente a análise das partículas, a sua descrição e explicação, torna necessário um elevado grau de apreensão e modelização dos parâmetros da situação de enunciação, porque essa apreensão e modelização são fundamentais para toda a interacção verbal, para toda a semântica situacional e para toda a comunicação – e, por conseguinte, a bem dizer também tem de o ser para a gramática comunicativa. A situação define-se em função de:

- quais são as constantes/variáveis espaciais, temporais, reais ou imaginárias, da "realidade" – recordem-se os deícticos de Karl Bühler (1934) *ego / hic / nunc*;
- quem é/são o(s) falante(s) e o(s) ouvinte(s) com os seus traços identitários (por exemplo, nome próprio, nacionalidade, idade, disposição mental, estado de espírito, etc., em termos de nossa fala: o seu "*perfil*");
- quais são os respectivos papéis (profissão, família, funções sociais, etc.) e, além disso, quais são as suas atitudes/pontos de vista, expectativas, emoções, objectivos e intenções na interacção actual.

Num olhar retrospectivo para estes conhecimentos da linguística pragmática, remeta-se aqui apenas para a monografia de Jon Barwise & John Perry, *Situations and attitudes*, publicada no início

dos anos oitenta do século passado (1983) pelo *Massachusetts Institut of Technology* e logo depois em língua alemã sob o título *Situationen und Einstellungen. Grundlagen der Situationssemantik*, 1987. Embora esta obra tenha sido escrita dentro da tradição da semântica lógica, revelou muitos princípios fundamentais – pense-se nas situações reais (*real situations*) e nos estados mentais (*mental states*), na classificação dos verbos como verbos que exprimem atitude (*attitude verbs*), tais como *dizer que, afirmar que, duvidar de, acreditar que, ver que, saber que*. Mas deve observar-se criticamente que nesta semântica lógica não se encontram estados sensoriais ou expressões emocionais.

2.1.2 Situação de “na” + enunciação

A partícula conversacional “na” tem em alemão um elevado valor do ponto de vista comunicativo, textual e emocional. Konrad Ehlich (1986: 99-139) foi talvez um dos primeiros, a entendê-la (e também o “hm”) como interjeição, propondo uma análise funcional (infelizmente ainda não baseada num *corpus*) e descrevendo, a seu propósito, estruturas tonais e diversas contextualizações (por exemplo, “na” entre elementos precedentes e elementos subsequentes mais remotos/mais próximos).

Ehlich (1986: 93-139) identifica – inicialmente – duas grandes categorias de uso da partícula “na”:

A) os *traços textuais* gerais, isto é, o seu emprego *em início* de texto (ou entrada em contacto) e o seu emprego *após* uma

interrupção/suspensão do discurso e, em segundo lugar – e acrescenta-se

B) os *traços emocional-comunicativos*, que se realizam ou por um elevado efeito de sinal, (em virtude de tom e de curva entoacional), ou como expressão de gesto, de cumprimento e de interpelação impessoal, de empatia, de atenção positiva ou negativa do falante em relação ao ouvinte, de manifestação indefinida de certo grau de conhecimento ou de demarcação social.

Mais além, Ehlich (1986: 93-139) distingue cinco ou seis “*na*” ocorrências diferentes possíveis.

(E1) *Ná, wie geht’s? Kleiner ?*

Este primeiro tipo comporta traços como: entrada em contacto através de elementos vocativos, podendo também corresponder a uma fórmula de cumprimento, além de poder indicar que os intervenientes se conhecem, que o grau de familiaridade entre eles é 0 ou 1, que a relação de poder entre falante e ouvinte é assimétrica, ou, por fim, o desejo de comunicação. Em português teríamos como possíveis correspondentes, à primeira vista, *Olá, como estás?, Então, rapaz?, Então, moço?* Etc.

(E2) *Na, hast du mir nichts zu sagen?*

Traços: insinuação de ironia ou de ameaça, no caso de desnível de posição/hierarquia entre falante e ouvinte, desnível de autoridade. Em português: *Olha lá, não tens nada para me dizer?*

(E3) *Ná'* - Traços: exortação à fala, reclamação de alguma coisa; significado: "*wird's bald?*" = "*na, wird's bald?*"; discrepância entre o decurso comunicativo esperado e o real, ameaçador. Em português teríamos: "*anda lá!; avias-te? Vê lá se te avias*". Precisa mais (con)texto.

(E4) (+pausa+) *nà'* + *anacoluto*. Que pode ser usado como equivalente de "*wie war das doch gleich?, wie hieß er doch gleich? gleich fällt es mir ein..*" Este uso de delonga ou embaraço na performance, um pedido para o interlocutor esperar um momento, a estupefacção do próprio falante por falhar na sua capacidade de verbalização entre o decurso comunicativo esperado e o real do enunciado; constatante e finalizante. Possíveis correspondentes em português seriam "*(Espera lá) como é que se diz/chama...[pausa]?; Como é que era/foi? Já me vou lembrar/já me vem à ideia*". Precisa mais contexto.

(E5) *Nà'* (muito semelhante a (4)). Significado: "*merkwürdig, komisch*"; novamente discrepância entre o decurso comunicativo esperado e o real, com um elemento fortemente deliberativo. Paráfrase 1 seria: "*komisch*", "*merkwürdig*" como expressão de meditação ou ensimesmamento, alemão "*na denn*"; paráfrase 2 seria: "*wie dem auch sei*" ambas finalizantes. Em português

teríamos: “*estranho*”, “*curioso*”, “*olha que esta!*”; “*seja como for*”. Precisa mais contexto.

(E6) “*Nã*”: O aspecto deliberativo (ponderativo, reflexivo) torna-se em componente céptica; função de ligação, em combinação com alguma coisa que vem a seguir (“*na ja...*”, “*na, und...*”). Paráfrase: “*wir wollen mal sehen, was das gibt*”. Em português seria equivalente “*bem, e ...*”, “*bom, quer dizer ...*”; “*vamos lá ver o que é que isto dá/vai dar*”. Precisa mais contexto.

Mais exemplos de enunciados com *na* e suas possíveis traduções ao português

Vamos apresentar no seguinte mais ocorrências de “*na*” para mostrar a riqueza idiomática e evidência do elemento “*na*”. Não se indica o necessário contexto situacional, bem como a representação fonemática da ênfase emocional, etc.)². O elemento interactivo “*na*” pode agir *en solo* ou ser ligado idiomáticamente com a significação do texto seguinte.

² Voltamos a esta partícula numa perspectiva contrastiva, porque, com duas linhas que lhe são dedicadas, ela fica simplesmente prejudicada no dicionário *Idiomatik Deutsch-Portugiesisch PONS*, revisto por Hans Schemann et al., Klett, Stuttgart (Schemann et al. 2002: 667). Isto aplica-se igualmente a outros dicionários da língua alemã. – Observa-se que a partícula al. “*na*” é muito idiomática assim como é sua estrutura fonética. A proposta de António C. Franco (1991) da esquema da descrição semantáctica das partículas modais contrastivas podia ser de grande utilidade; ele trata contrastivamente: *acaso/etwa, afinal/doch, überhaupt/ eigentlich, bem, mal, cá, e, então, é que, já, lá, mas, não, se calhar/wohl, sempre, também* e alguns outros.

(10a) *Na, wer wird denn weinen?* (Manifestação de empatia, de um velho para com uma criança).

(10b) Ora, ora, para que (é) esse o choro?; Ora, / vá lá, não é preciso chorar.

(11a) *Na wo bleibst du denn?* (Impaciência, censura).

(11b) Então?! Onde é que estás (tu metido/a)? Onde é que te meteste?

(12a) *Na, du kannst mir viel erzählen ...* (Expressão indirecta de uma dúvida; pressuposição: «du schwindelst, du lügst» = estás a ser mentiroso/a, estás a mentir).

(12b) Não me venhas cá com histórias. Vai contar essa história a outro.

(13a) *Na hab ich es dir nicht gleich gesagt?* (Exprime triunfo posterior do falante, que alega já ter dito/sabido isso).

(13b) Estás a ver, não te tinha dito já? - Vês, eu não te disse isso logo?

(14a) *Nanu?* (Surpresa/espanto).

(14b) Essa agora! Ou: Ora essa! Essa é boa! Ena *pá*!

(15a) *Na und?* (Depreciação).

(15b) E depois?! Ou: O que é que isso tem? E então que tem?

(16a) *Na ja / na schön / na gut* (Reforço de uma aceitação concessiva/ envolvendo cedência).

(16b) Enfim! Ou: Está bem...

(17a) *Na klar!* (Reforço de concordância absoluta).

(17b) (Pois) claro! Ou: Com certeza!

(18a) *Na und ob!* (Função de reforço de um assentimento).

(18b) Claro que sim. Mas é claro! Ou: Mas é evidente!

(19a) *Na lass das!* (Acentuação de uma ameaça).

(19b) Deixa mas é isso!

(20a) *Na, wird's bald?* (Acentuação de uma ameaça de sanção).

(20b) Então, avias-te? Ou: Vê lá se te despachas!

(21a) *Na, hab ich es dir nicht gleich gesagt?* (Repreensão)

(21b) Estás a ver, eu não te disse? Ou: Estás a ver, eu não te tinha dito (*já*)?

(22a) *Na wenn schon...* (Concessivo, resignativo).

(22b) Deixá-o! Ou: (E) que importa isso? / Se tem de ser assim... Já que tem de ser assim...

(23a) *Na sowas!* (Admiração do falante, também com sentido irónico).

(23b) Ora uma destas! Ou: Olha que isto! Que coisa! Parece mentira! Como é possível?!

(24a) *Na weißt du... Na was du nicht sagst...* (Acentuação de uma admiração atenuada do falante; o falante pressupõe descrença no saber implícito, as vezes com ironia).

(24b) Não me digas...

(25a) *Na bitte!* (Comentário avaliativo do triunfo do falante; indicando o fim do ato do discurso ou do agir).

(25b) Ora aí tens! Ou: Como vês...!

(26a) *Na danke!* (Acentuação da ironia do falante, porque o ouvinte desejou ou causou algo de negativo ao falante).

(26b) Obrigado/a! Obrigadinho/a! (A ironia, isto é, a inversão semântico-pragmática não é reconhecível na estrutura de superfície, sendo determinada por outros indicadores contextuais).

(27a) *Na wenn schon!* (Concessivo, o falante admite um facto possível).

(27b) Já que tem de ser... Ou: Se tem de ser.../ Já que é assim...

(28a) *Na warte!* (Intensificação de ameaça de uma acção futura por parte do falante).

(28b) Espera lá (que já vais ver)! Já vais ver... Ou: Se te apanho.../Se te agarro... (acontece qualquer coisa /levas! / não sei o que te faço!).

(29a) *Na dann!* (Concessivo, conciliador; também: exortação, desafio, como em *Na dann los!*).

(29b) Bom, então... Ou: Vamos lá! Vamos lá então!

(30a) *Na dann eben nicht!* (Acentuação da renúncia do falante a uma acção ou acontecimento)

(30b) Bem, então não!

(31a) *Na endlich!* (Reforço da confirmação da impaciência do falante).

(31b) Até que enfim! Já não era sem tempo!

(32a) *Na, und wann ist es soweit?* (Partícula de interpelação, introdução de novo acto de fala, neste caso de uma pergunta).

(32b) E então, quando é que (se chega a)...? / quando é que se lá chega?

Em comparação com a análise de Ehlich (1986), parece-me evidente que a partícula discursiva “*na*” do alemão desempenha muitas vezes a função de reforço, de *acentuação da expressão emocional* de um acto de fala; parece-me, no entanto, que, no essencial, ela acrescenta uma componente emocional ao enunciado, podendo exprimir tanto proximidade como distância entre os participantes no diálogo. Por outro lado, no português encontram-se, para a forma “*na*” alemã, os equivalentes mais diversos, como os

que se apresentaram nos exemplos anteriores, ou formas de entoação expressivas ou ainda 0 (zero), isto é, nenhuma forma na estrutura de superfície. Esta observação também vale, sem dúvida, quando partimos de uma partícula portuguesa à procura das suas equivalentes alemãs. Então outrossim, na? analogamente!

Bibliografia

(contém obras embora não citadas mas relevantes para a nossa temática)

Arnauld, Antoine / Lancelot, Claude (1660), *Grammaire générale et raisonnée contenant les fondements de l'art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle*. Paris, Pierre Le Petit, disponível online: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50416q> (30/06/2024).

Austin, John Langshaw (1962): *How to do things with words: the William James lectures delivered at Harvard University in 1955*. Oxford: Clarendon Press.

Barbosa, Jerónimo Soares (1822): *Grammatica philosophica da língua portugueza ou principios de grammatica geral applicados à nossa linguagem*. Lisboa: Academia Real das *Sciencias*, disponível online: https://purl.pt/128/5/l-296-v_PDF/l-296-v_PDF_24-C-R0072/l-296-v_0000_capa-guardas2_t24-C-R0072.pdf (30/06/2024).

Barkowski, Hans ([1982] ²1986): *Kommunikative Grammatik und Deutschlernen mit ausländischen Arbeitern*. Königstein/

T[aunu]s: Scripto (Lernen mit Ausländern, Reihe A: Erfahrungen und Konzepte; 4).

Barwise, Jon/ Perry, John (1983): *Situations and attitudes*. Cambridge, Mass: MIT.

Barwise, Jon/ Perry, John (1987): *Situationen und Einstellungen. Grundlagen der Situationssemantik*, traduzido do inglês por Claudia Gerstner. Berlin; New York: de Gruyter (De-Gruyter-Studienbuch: Grundlagen der Kommunikation).

Blühdorn, Hardarik/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) (2003): *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Frankfurt am Main, Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 7).

Bühler, Karl (1934): *Sprachtheorie: Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Jena: Fischer.

Cho, Yongkil (2005): *Grammatik und Höflichkeit im Sprachvergleich : direkte Handlungsspiele des Bittens, Aufforderns und Anweisens im Deutschen und Koreanischen*. Berlin; New York: de Gruyter (Beiträge zur Dialogforschung; 32).

Dittmann, Jürgen, (1981): "Konstitutionsprobleme und Prinzipien einer kommunikativen Grammatik", in: Schröder, Peter (ed.): *Dialogforschung: Jahrbuch 1980 des Instituts für deutsche*

Sprache. Düsseldorf: Schwann (Studien zur deutschen Sprache 54), 136-177, disponível online: <https://d-nb.info/1125947578/34> (30/06/2024).

Engel, Ulrich / Tertel, Rozemaria Krysztyna (1993): *Kommunikative Grammatik. Deutsch als Fremdsprache: die Regeln der deutschen Gebrauchssprache in 30 gemeinverständlichen Kapiteln; mit Texten und Aufgaben*. München: Iudicium.

Ehlich, Konrad (1986): *Interjektionen*. Tübingen: Niemeyer (Linguistische Arbeiten; 111).

Fiehler, Reinhard (1990): *Kommunikation und Emotion: Theoretische und empirische Untersuchungen zur Rolle von Emotionen in der verbalen Interaktion*. Berlin; New York: de Gruyter (Grundlagen der Kommunikation und Kognition), disponível online: <https://d-nb.info/113495848X/34> (30/06/2024).

Franco, António C. (1991): *Linguística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra Editora (Coleção linguística "Coimbra Editora": CLCE; 5).

Grein, Marion (2007): *Kommunikative Grammatik im Sprachvergleich: Die Sprechaktsequenz; Direktiv und Ablehnung im Deutschen und Japanischen*. Tübingen: Niemeyer (Beiträge zur Dialogforschung; 34).

Johnen, Thomas (2006a): "Zu Sprechakten der Kontaktaufnahme im Deutschen und Portugiesischen", in: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 10), 9-30.

Johnen, Thomas (2006b): "Zur Begrüßung im Deutschen und Portugiesischen, in: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 10), 31-72.

Johnen, Thomas (2006c): "Zur Anrede im Deutschen und Portugiesischen", in: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 10), 73-108.

Johnen, Thomas / Weise, Karin / Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2003): "Sich entschuldigen im Deutschen und Portugiesischen", in *Lusorama* 54, 6-70.

Koller, Erwin (2003): "Interjektionen Deutsch-Portugiesisch", in: Blühdorn, Hardarik/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) (2003): *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-*

Portugiesisch. Frankfurt am Main, Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 7), 173-212.

Matte Bon, Francisco, ([1992] 1998): *Gramatica comunicativa del español*. Vol 1: *De la lengua a la idea*, vol. 2: *De la idea a la lengua*. Nueva edición revisada. Madrid: Edelsa.

Merlan, Aurelia / Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) (2013): *Portugiesisch als Diasystem / O português como diassistema*. Frankfurt [am] M[ain]: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 17).

Schemann, Hans et al. (2002): *PONS Idiomatik Deutsch-Portugiesisch = Dicionário idiomático alemão-português*. Barcelona; Budapest; London; Posen; Sofia; Stuttgart: Klett Sprachen.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (1974): "Fremdsprachenunterricht, Dialoggrammatik und Sprecherwechselregeln des Französischen", *Linguistik und Didaktik* 18, 98-109.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (1980): "Direkte Antworten auf Ja/Nein-Fragen: Ein portugiesisch-deutscher Sprachvergleich", in: *Iberoromania* 12, 1-17.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2003): "Zur Konzeption einer kommunikativen Sprachvergleichs-Grammatik Deutsch/Portugiesisch", in: Blühdorn, Hardarik/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) (2003): *Die kleineren Wortarten im Sprachvergleich Deutsch-Portugiesisch*. Frankfurt am Main, Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 7), 17-34.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2006): "Zum Sprecherwechsel im Portugiesischen und Deutschen", in: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 10), 125-166.

Schmidt-Radefeldt, Jürgen (2013): "Jugendsprachliche Varietäten: Chat, Hiphop, Break, Rap im Deutschen und Portugiesischen", in: Merlan, Aurelia/ Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.) (2013): *Portugiesisch als Diasystem / O português como diassistema*. Frankfurt [am] M[ain]: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 17), 83-101.

Searle, John R. ([1969] 1981): *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*, traduzido do inglês por Carlos Vogt. Coimbra: Almedina (Colecção novalmedina; 12).

Tschirner, Erwin (2004): "Kommunikative Grammatik oder wie man lernt, grammatisch richtig zu sprechen", in: Lübke, Barbara/ Domínguez Vázquez, María José/ Mallo Dorado, Almudena (eds.): *El alemán en su contexto español = Deutsch im spanischen Kontext; Actas del IV Congreso de la Federación de Asociaciones de Germanistas y Profesores de Alemán en España, Santiago de Compostela, 26-28 de septiembre de 2002*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións, 39-65.

Weigand, Edda (1989): *Sprache als Dialog: Sprechakttaxonomie und kommunikative Grammatik*. Tübingen: Niemeyer (Linguistische Arbeiten; 204).

Weise, Karin (2006): "Sprechakte des Dankens im Portugiesischen und Deutschen, in: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (eds.): *Portugiesisch kontrastiv gesehen und Anglizismen weltweit*. Frankfurt am Main; Berlin; Bern; Bruxelles; New York; Oxford; Wien: Lang (Rostocker romanistische Arbeiten; 10), 125-166.

Wunderlich, Dieter (1976): *Studien zur Sprechakttheorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp (Suhrkamp-Taschenbücher Wissenschaft; 172).



Zwickauer Forum Interkulturelle Kommunikation und Sprache

Nr. 6

**Gramática Comunicativa
e Ensino de Português Língua Não Materna
num Mundo Multilíngue**

Estudos

In Memoriam

do Professor Doutor João Malaca Casteleiro

Thomas Johnen

Liliane Santos

Jürgen Schmidt-Radefeldt (eds.)

Zwickau

**Westsächsische Hochschule Zwickau,
Fakultät Angewandte Sprachen und Interkulturelle
Kommunikation
2025**

ISBN: 978-3-946409-07-6

DOI: 10.34806/9783946409076

Sumário

O Professor Doutor João Malaca Casteleiro – pioneiro da gramática comunicativa

Thomas Johnen, Liliane Santos e Jürgen Schmitt-Radefeldt8

Monsieur le Professeur João Malaca Casteleiro – un pionnier de la grammaire communicative

Thomas Johnen, Liliane Santos, Jürgen Schmidt-Radefeldt 33

João Malaca Casteleiro – ein Pionier der kommunikativen Grammatik

Thomas Johnen, Liliane Santos, Jürgen Schmidt-Radefeldt 59

Homenagem ao Professor Doutor João Malaca Casteleiro, eminente lexicólogo português, e meu amigo (Teixoso, Covilhã, 1936 – Lisboa, 2020)

Jürgen Schmidt-Radefeldt 88

Alguns aspetos de uma gramática comunicativa do Português e sua contribuição para um ensino mais eficaz da língua a aprendentes estrangeiros

João Malaca Casteleiro 95

Observações sobre gramáticas comunicativas ou do diálogo incluindo sinais interactivos

Jürgen Schmidt-Radefeldt117

Um caso harmônico de aprendizagem da língua portuguesa e suas variantes através da gramática comunicativa em aulas de PLE na Universidade de Huelva

Giselle Menezes Mendes Cintado.....148

As histórias digitais no contexto do ensino do Português no estrangeiro – um contributo para o fomento da comunicação

Fátima Isabel Guedes da Silva e Estela Pinto Ribeiro Lamas..... .167

O ensino de PLE a deficientes visuais espanhóis

Lilian dos Santos Ribeiro..... 195

Das einfache Futur in ausgewählten Grammatiken und Lehrbüchern des Portugiesischen, Spanischen, Französischen und Italienischen aus dem deutschsprachigen Raum

Karin Weise..... 223

Avaliação da competência comunicativa oral de estrangeiros em português língua estrangeira/segunda língua: contribuições para a formação docente

Alexandre do Amaral Ribeiro 266

**Algumas observações em torno da descrição da construções
impressoais em português numa perspectiva comunicativa**

Liliane Santos 292

**Respostas curtas assertivas numa gramática comunicativa
do português**

Thomas Johnen..... 322

Entdeckungen im ILB: «eucalipto». in aller Munde

Gunther Hammermüller..... 384

**Bibliografia seletiva da obra do Professor João Malaca
Casteleiro**

*Jasmin Göthel, Thomas Johnen, Liliane Santos e Jürgen Schmidt-
Radefeldt*..... 433

**Sobre as autoras e os autores deste volume/
Über die Autorinnen und Autoren dieses Bandes**..... 475



Zwickauer Forum Interkulturelle Kommunikation und Sprache

(ISSN 2700-5968)

<http://www.fh-zwickau.de/zwiksprache>

- Nr. 1:** Sabine Dieng-Weiß (2019): *Spanische Fachkräfte in der Krankenpflege in Deutschland: Erfahrungen und Erwartungen.*

ISBN: 978-3-946409-03-8; DOI: 10.34806/q7yr-7c44

<https://d-nb.info/1210446189/34>

Resumen en español.

- Nr. 2:** Julia Gelinski (2019): *Interkulturelle Erfahrungen deutscher Studierender in spanischen Unternehmen.*

ISBN: 978-3-946409-01-4; DOI: 10.34806/rfv9-b177

<http://d-nb.info/1216496854/34>

Resumen en español.

- Nr. 3:** Thomas Johnen (2019): *Nominale Anredeformen in Fernseh-wahlduellen: ein multilingualer Vergleich.*

ISBN: 978-3-946409-02-1; DOI: 10.34806/19wq-t276

<https://d-nb.info/1210449269/34>

Resumo em português.

- Nr. 4** Bao Trang Ngo (2021): *Integration der Vietnamesen in Ost-deutschland: Deutsche und vietnamesische Sichtweisen in qualitativen Interviews.*

ISBN: 978-3-946409-05-02; DOI: 10.34806/x4gd-gm78

<https://d-nb.info/123599273X/34> **Trình bày trong tiếng Việt.**

- Nr. 5** Thomas Johnen/ Christopher Mattern/ Jasmin Wunderlich (red.) (2023): *Portugiesisch - Globale Sprache des 21. Jahrhunderts: Kulturen, Literaturen, Wissenschaft und Wirtschaft: Abstracts der Vorträge auf dem 15. Deutschen Lusitanistentag, 19.-23. September 2023, Westsächsische Hochschule Zwickau; Português - Língua global do século XXI: Culturas, Literaturas, Ciência e Economia; Caderno de resumos do 15º Congresso Alemão de Lusitanistas, 19 a 23 de setembro de 2023, Universidade de Ciências Aplicadas de Zwickau.*

ISBN: 978-3-946409-08-3; DOI: <https://doi.org/10.34806/679p-3b04>;
<https://d-nb.info/1312838353>

- Nr. 6:** Thomas Johnen/ Liliane Santos/ Jürgen Schmidt-Radefeldt (eds.) (2025): *Gramática Comunicativa e Ensino de Português Língua Não Materna num Mundo Multilíngue: Estudos In Memoriam do Professor Doutor João Malaca Casteleiro.*

ISBN: 978-3-946409-07-6; DOI: 10.34806/9783946409076

Zusammenfassungen auf Deutsch

- Nr. 7:** Carlos Roberto de Oliveira Lima/ Gabriel Silva Xavier Nascimento/ José Raimundo Rodrigues (Orgs.) (2025, no prelo/ im Druck): *Fontes para outras histórias da educação dos surdos.*

ISBN: 978-3-946409-09-0;

Abstracts in English; Zusammenfassungen auf Deutsch